



REVISTA EDITAR



NÚMERO 11 SETEMBRO 2021



CEFET-MG

Projeto editorial realizado por
alunos(as) de Letras – Tecnologias de
Edição do CEFET-MG.



Projeto Revista Editar

Equipe editorial

Coordenador: Prof. Rogério Barbosa da Silva

Revisão

Camila Natane Araujo Dias

Josiane de Jesus Cândido

Letícia Silva Alves Fernandes

Livia Gomes Clavilho Galvão

Nathália Cristina de Freitas Campos

Divulgação

Roza Iêssa Machado de Oliveira

Simone Angelica da Silva

Barbara Santos Hilarino Moreira

Augusto Magno Mairink

Projeto gráfico e diagramação

Joana Letícia França Silva

Laura Gonçalves Ferreira

Natália Sales Gomes

Redação e criação de conteúdo

Francielly Cristina Pereira Marques

David Felipe Viana Meira

Rayssa Miranda de Carvalho Xavier

**LED É A EDITORA-LABORATÓRIO DO BACHARELADO EM
LETRAS - TECNOLOGIAS DA EDIÇÃO DO CEFET-MG.**



**TEM POR OBJETIVO PROPORCIONAR
AO CORPO DISCENTE UM ESPAÇO
PERMANENTE DE REFLEXÃO E
EXPERIÊNCIA PARA A PRÁTICA
PROFISSIONAL EM EDIÇÃO DE
DIVERSOS MATERIAIS.**

**TEM COMO PRINCÍPIOS FUNDADORES: A
INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E
EXTENSÃO; A INTEGRAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO TEÓRICA
E FORMAÇÃO PRÁTICA; E A VALORIZAÇÃO DO
APRENDIZADO HORIZONTAL E AUTÔNOMO.**

LED - LABORATÓRIO DE EDIÇÃO - BACHARELADO EM LETRAS/CEFET-MG

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

AV. AMAZONAS, 5.253, NOVA SUÍÇA

CAMPUS I, SALA 344

BELO HORIZONTE, MG, BRASIL, CEP 30.421-169

TELEFONE: +55 (31) 3319-7140



led



Editorial



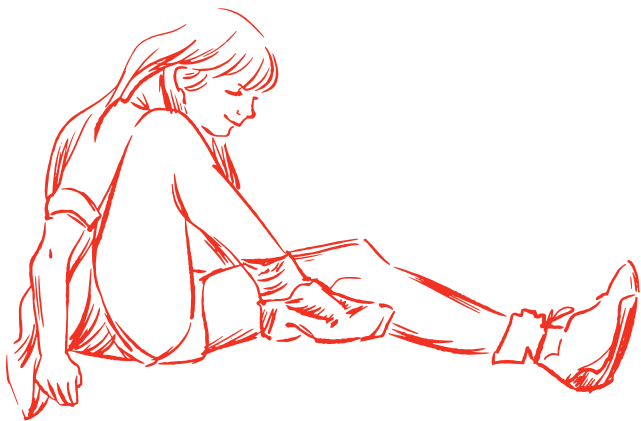
CARO(A) LEITOR (A),

Chegamos à 11ª edição da Revista Editar. E como estamos ainda vivenciando esses dias difíceis causados pela pandemia da covid-19, permanecemos na exploração do tema, oferecendo a arte criativa e algumas conversas sobre as perspectivas pós-pandêmicas nas manifestações literárias, editoriais e artísticas, sob a forma de dossiê. Recebemos textos diversos, seja de alunos do CEFET-MG e autores iniciantes, seja autores experimentados na profissão. No dossiê, além de entrevistas com vozes da área editorial, artística e jornalística, procuramos oferecer uma coletânea de textos inspirados pela atual situação em que nos encontramos.

A pandemia da covid-19, com certeza ficará marcada na história, mas precisamos buscar uma forma de encarar a realidade por uma perspectiva enriquecedora, a partir das novas experiências e vivência que ela nos impôs. Com ela aprendemos e ainda vamos aprender muito.

As perdas foram muitas. Por isso, oferecemos nossas condolências a todas as pessoas que perderam entes queridos e aos que enfrentam com garra a covid19: vocês não estão sós. Dedicamos esta edição a todos vocês e expressamos os nossos desejos de uma boa recuperação àqueles que diariamente ainda sucumbem à doença.

Nossos agradecimentos aos que fizeram parte desta edição, compartilhando os seus textos ou que se dispuseram a reservar um tempo para responder às nossas entrevistas. Saudamos também a todos os nossos colegas empenhados nas diversas etapas da produção deste número. Lembramos assim que a Revista Editar é uma revista experimental dos alunos do 4º período de Letras que, na disciplina Processos de Edição II, perpassam todas as etapas do processo editorial. As edições anteriores podem ser encontradas a partir do site da LED - Editora-Laboratório do curso de Letras CEFET-MG (<https://www.led.cefetmg.br>) e na plataforma www.issuu.com.



Summa

MÚSICA NA PANDEMIA

08

**EU SEI O QUE O AMANHÃ NOS TRARÁ, OU A PARTILHA
GENEROSA DAS IMAGENS**

11

NOSSO PROJETO

14

**DESVENTURAS EM SÉRIE DAS CRÔNICAS/FÁBULAS DO
MALDOSO COTIDIANO ANIMÁLIA: SENHOR SAPÃO**

19

ENTREVISTA COM VAL PROCHNOW

20

A MANCHA

22

2084

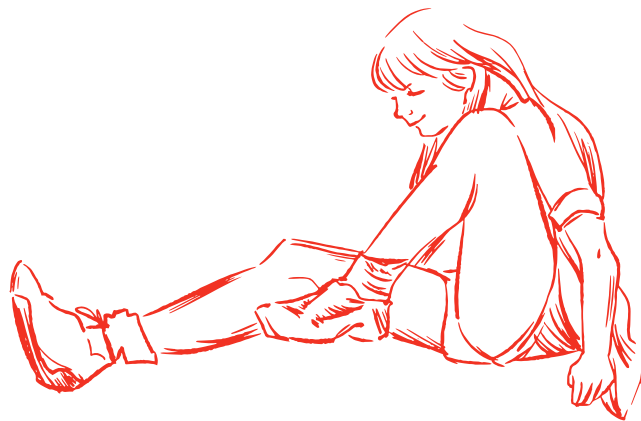
24

**LIVRARIA E EDITORA SCRIPTUM: UMA ENTREVISTA COM
WELBERTH BELFOR**

26

ENTREVISTA COM KETTY VALENCIO

28



30

ENTRE TEMPOS (OU A DANÇA DA INTENSIDADE)

31

MIRE O CÉU

32

ESCOLHAS

33

ANTES

34

VENDER POESIA II

36

HIGIENICIDADE

37

UMA ANSIOSA EM PANDEMIA

38

EU, TU, ELES

FOTOGRAFIA NA PANDEMIA

39

MÚSICA NA PANDEMIA

Entrevistamos o ilustríssimo musicista e professor Jayaram Custódio, que nos contou sobre o seu trabalho e como tem sido os concertos e as aulas de música no período da pandemia de Covid-19.

RAYSSA – Conte-nos sobre a sua história e formação em música.

JAYARAM – Comecei a praticar violoncelo aos 6 anos de idade, quando um amigo da família, violoncelista, morou no mesmo lote que minha família. Eu sempre o via estudar, até que um dia ele perguntou se eu queria tocar, e de imediato eu aceitei. Então, foi aí que comecei. Nunca me esqueço desse dia! Nunca me esqueço da sensação que tive na primeira vez que toquei violoncelo! Eu o coloquei no corpo, ele entrou em contato com minha caixa torácica e senti sua vibração de forma muito forte. Desde então, sempre que as pessoas perguntavam o que eu queria ser quando crescer, eu sempre respondia violoncelista. Nunca tive em mente outra profissão, se não ser violoncelista. Sobre a minha formação musical, entrei no CEFART e estudei lá por 4 anos. Fui para a UFMG, onde fiz bacharelado em música. Depois, em 2014, ingressei no conservatório de Bruxelas para meu mestrado, mas não terminei e voltei para o Brasil. Em 2014 ingressei na UNIRIO e fiz o mestrado em ensino das práticas musicais. Em 2006 eu conheci a FEA (Fundação de Educação Artística) naquele evento que ocorre duas vezes por ano: A Semana de Música de Câmara. Lá conheci pessoas fantásticas que foram extremamente importantes na minha formação, como a Berenice Menegale e o Márcio Carneiro. Até hoje eu faço aulas com o Márcio, 2 vezes por ano. Participar da Semana de Música de Câmara foi um passo muito importante para a minha compreensão do “ser violoncelista”.

RAYSSA – Como e quando você percebeu o seu interesse em trabalhar com música?

JAYARAM – O interesse em trabalhar com música partiu da necessidade mesmo. Com 15 anos de idade eu comecei a tocar em casamentos, eventos. Comecei a dar aula em um projeto social numa escola do meu bairro. Desde então, trabalhar com música é sobreviver, além do prazer, obviamente. Eu gosto de trabalhar com música, gosto da profissão e aprecio a grandeza dela. Meu interesse sempre existiu, pois, trabalhar com música é fazer música.

RAYSSA – Foi possível observar mudanças nas aulas e nas suas apresentações após o começo da pandemia? Quais? Foi necessário fazer alguma adaptação?

JAYARAM – Tudo mudou com a pandemia. Talvez, o que não mudou foi a prática em si, que continua acontecendo como acontecia anteriormente. Já, todos os concertos, shows, apresentações e aulas: tudo mudou. As aulas passaram a acontecer no formato virtual e muitas adaptações tiveram que ser feitas para que elas acontecessem. Principalmente o fato de eu não poder mais tocar junto com os alunos. As possibilidades de transmissão e percepção das nuances são reduzidas de forma drástica! Tudo isso teve que ser adaptado e eu parti para o objetivo de garantir o que dá para garantir com as aulas à distância. Questões de posicionamento, afinação, ritmo, estruturas básicas, dinâmica. Tudo isso para garantir que aconteçam da forma mais organizada possível, sabendo que existem alguns limites que não podem ser superados completamente.



Os recursos que utilizamos são gravações de áudios e vídeos, que provavelmente serão mantidos mesmo após o fim da pandemia, como forma de auxílio e como exemplo para os alunos. Em relação aos concertos, ficamos limitados às exibições por meio de variadas plataformas, sejam elas de edições ou de lives. Temos que pensar na música de uma forma mais direta, entendendo os elementos que vão atingir o público. As nuances, mudanças de intensidade, por exemplo, podem não ser facilmente perceptíveis pelo público. Mesmo com equipamentos de ponta, é difícil perceber. Em gravações, até é possível gravar um áudio mais limpo, editando, mixando, deixando a música mais clara. Mas, isso não é possível em uma live.

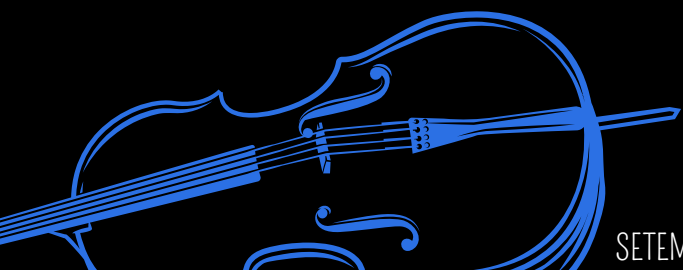
RAYSSA - Quais os maiores desafios? Sobre as mudanças que ocorreram, do que você mais sente falta?


JAYARAM - O maior desafio é sobreviver a isso tudo com energia. O tempo nas redes é muito desgastante para nós musicistas, que nos limitamos, tomamos atenção redobrada e fazemos trabalhos de alta intensidade, de uma forma que não trabalhávamos antes. O tempo de recuperação física é mais longo, há muito desgaste: O tempo para gravar, para fazer edição e dar conta de tudo. A preocupação em captar bem a aula, fazer uma boa transmissão, investir em equipamentos... A área da cultura sofre de uma forma tremenda com isso tudo. Com certeza vai demorar um bom tempo para nos recuperarmos disso. Sinto falta do contato direto com o público, de estar em uma sala de concerto ou na sala de aula e sentir a recepção do público, sentir as reações dos alunos. Esse contato humano é o que faz mais falta, com certeza.



RAYSSA - Pode explicar um pouco a respeito do seu trabalho como músico e seu trabalho como professor?

JAYARAM - Bom, como músico eu tenho, até então, uma carreira muito voltada para a prática de música de câmara e para a divulgação da música contemporânea. Eu não estou em uma grande orquestra, estive poucas vezes. Talvez eu faça isso algum dia, em alguns anos. Mas, minha prática realmente está mais voltada para música de câmara e grupos pequenos. Além disso, faço uma pesquisa com a música brasileira e adaptação da música brasileira para o violoncelo. Meu projeto de mestrado é um livro de adaptações de choros do período do nascimento do choro (final do século 19) adaptado para violoncelo e grupos de violoncelo. Aprecio o estudo da música brasileira instrumental, cantada, os ritmos brasileiros, os ritmos afro-brasileiros, a música afro-brasileira. O que eu tenho feito são algumas lives com parceiros. Esse é um elemento da minha prática como musicista, que eu aprecio muito e que complementa o fazer musical da música de concerto. Como professor, eu acabo levando toda essa experiência para as salas de aula. Como por exemplo, meu trabalho de mestrado: meu livro intitulado "Chora Violoncelo". Ele também foi feito pensando em inserir um aluno de violoncelo em níveis variados na prática de música instrumental brasileira. É um trabalho de inserir o choro em um instrumento (violoncelo) que está à margem no ensino da música de concerto e música instrumental tradicional. O meu trabalho como professor é um reflexo do meu trabalho como musicista e vice-versa. Atualmente, estou dando aulas para alunos de nível iniciante e intermediário. Eu amo dar aula. Amo ensinar a música!





RAYSSA - De que forma você acredita que a música pode influenciar as pessoas? Qual você acha que é o papel da música neste contexto que estamos vivendo?

JAYARAM - Essa pergunta é difícil, hein?! Bom, a música é um elemento primário, primordial na sociedade. Ela acompanhou todas as mudanças, e as mudanças também acompanham as artes como um todo, as quais estão sempre presentes nas grandes mudanças. Eu acredito que a música influencia, sim, as pessoas. Um exemplo simples é que, de acordo com o seu estado emocional, sempre há uma música pra escutar. Pode ser um leigo, a pessoa mais desligada no ponto de vista técnico do fazer musical, mas ela tem a melodia que agrada. Também, a música está ligada à memória, isso é importante. As pessoas têm uma memória específica relacionada com uma música, contexto musical ou melodia. A música na formação de um povo, da cultura, da identidade cultural. Assim, dá pra entendê-la como um elemento primário. Isso é mais uma prova da influência da música na formação de identidades. Toda tribo tem uma música própria, a dança hip hop, por exemplo (sic). No contexto que estamos vivendo, infelizmente, nós temos no Brasil um país que não apoia o fazer musical e as artes. Em outros lugares, você vê um incentivo muito maior para o consumo da arte e da música neste momento de reclusão. Eu acho isso uma pena, pois neste momento a música pode ser um elemento que conforta as pessoas, que traz alento, tranquilidade, que pode completar o vazio do âmago. Seria um bom momento para expandir as possibilidades dos artistas, para produzirem com direcionamento ao momento pandêmico. Existem algumas iniciativas, mas infelizmente não são suficientes, assim como vários outros segmentos em outras profissões. Eu acho que a música no contexto que estamos

vivendo não está sendo promovida por quem deveria estar promovendo (o Estado).

RAYSSA - Tem alguma dica para pessoas que têm interesse em ingressar nessa área?

JAYARAM - Minha dica é acima de tudo ter muita persistência, paciência... Porque o início é difícil, o começo da utilização da linguagem musical. Além disso, recomendo dar manutenção no prazer do fazer e do estudo, da prática. Você tem que gostar mesmo, fazer com gosto e vontade, além de encontrar um bom professor, que você goste e confie. Se entregue, curta o momento. Eu acredito que a música é um elemento importantíssimo para a formação das pessoas. Tanto é, que os países que possuem o sistema de educação básica bem desenvolvido têm a música presente no ensino básico. Fica aí o convite para todos, para que as pessoas aprendam música. Não necessariamente para ser um profissional, ou o melhor instrumentista, mas para curtir e compartilhar.

RAYSSA - Gostaria de falar mais alguma coisa? Fique à vontade.

JAYARAM - Sim. Eu queria fazer uma chamada. Chamar as pessoas para terem um olhar mais atento ao que acontece no cenário musical local, principalmente no âmbito brasileiro. Ter um olhar para o artista independente, ou seja, aquele que não é celebridade. Óbvio que temos nossos ídolos, e isso é importante. Mas, vamos ver o que está acontecendo, pois tem muita coisa boa sendo feita, muita gente boa, muita música boa. Canção, música instrumental, música de concerto. Então, fica aí esse chamado para todo mundo. Muito em breve estaremos de volta aos palcos, e o apoio da comunidade como um todo vai ser importantíssimo para continuarmos fazendo música, para continuarmos levando conforto, alegria e outros sentimentos para os corações das pessoas.



EU SEI O QUE O AMANHÃ NOS TRARÁ, OU

A PARTILHA GENEROSA DAS IMAGENS

por Orestes Silva

Orestes é um servidor no CEFET-MG, mas acredita ser essencialmente um servidor da literatura e das artes. Quando atormentado pelas moscas, que lhe recitam antigas e enigmáticas mensagens, Orestes escreve.
Poesia e outras coisitas.

PRIMEIRO ATO

Na paisagem é onde tudo acontece. Vejo ouço sinto e partilho arrepios. Estávamos imersos na vida e seguíamos. Mas veio um vento de viração, sombras e lamentos, em meio a um turbilhão de almas demoníacas, de costas para o futuro, olhos vendados e de costas para o irmão. E se podia piorar piorou. Ficamos isolados. Estamos isolados, por mais que parte de nós nunca tenha se dado conta. Não percebem e nem acreditam, muitos. Estamos isolados, sem abraços e sem comunhão, ainda muitos. Não há normalidade, embora gritos ruidosos aqui e ali insistem que o pior já passou, muitos a cada vez. Não passou, e pode nem passar. Nessa magnífica circunferência que gira no seu eixo e roda em torno do eixo maior o sol, as rotações trazem alegrias e tristezas e a longa viagem e meia não nos trouxeram nenhuma certeza. Trouxe o movimento da segregação, pois estamos cercados em muitas fronteiras. Houve um sábio, dizem os jornais, expoente das relações exteriores em Bruzundanga (Evoé, Lima Barreto), que vaticinou: se a situação de Bruzundanga nos faz um pária internacional, que sejamos esse pária! Quando não há liberdade para ir e vir, não há trocas plenas com o outro mais distante, porque não sentimos a vibração das travessias (por força, o eu é um outro) e do estar ali. Viajamos em ondas eletromagnéticas e tudo fica mais ou menos igual no seu quadrado. E se não pudermos nunca mais visitar outras paragens? Ficaríamos surpresos? Não; só ficamos arrasados com o desprezo social de quem pode e deve fazer alguma coisa.

Aqui e ali, uma pista de que a vida é como aquela flor que brota do asfalto e resiste às intempéries e ao solo árido. Vi crianças felizes por retornar à escola, mas não se pode abraçar, reclamam. É isso, não se pode abraçar. Inventamos o toque dos cotovelos. Ficamos esperançosos e invejosos, quando a vida começa a voltar em algum lugar do planeta. Gente sentada num café, visitando museus, assistindo a um show... Mas o perigo ronda. Nada é mesmo como antes. Haverá o amanhã? Já foi dito que haverá – havemos? – o novo normal. Ninguém quer esse “novo”. Queremos o gostoso frenesi de outrora. Vivemos fechados atrás das telas. A tela da janela do apartamento. A tela do computador e do smartphone, ou um gadget qualquer. Talvez haja quem sinta o frescor de uma aragem na tarde morna.

SEGUNDO ATO

Gosto de todas as telas que me abrem para as experiências das paisagens. Das janelas, quando vejo passantes distraídos, os pássaros, os morros mágicos distantes, a beleza da manhã ou o manto suave da noite. E de onde me vem notícias das rolas do campo, da vida secreta dos cães e da guerra dos passarinhos; seriam algaravias? Vem o som dos alarmes, dos perigos, dos gritos de desespero e de uma música distante. E somam-se ao batuque dos martelos e ao agudo monótono das furadeiras e cortadeiras nas obras vizinhas. E há as telas silenciosas, luminosas ou não, dos meus livros. Mundos novos e antigos se descortinam nos olhos; o resto é obra da imaginação.

Os livros são a prova de que o mundo pode ser sempre reinventado. Diz o Michel Melot que o livro, a casa e o país do escritor se misturam. Não seria assim também o caso para o leitor? E com aquele sentimento de pequenas mortes e renascimentos? Reinvento o meu mundo a cada

dia, nos títulos e nas palavras que meu olho alcança: O conde Lopo, abertura: Poeta, onde os sonharás? À altura de minha frente, o caminho se ergue sonoro e líquido; o caminho só, de água; a vida explode nos poros da floresta. Mutação dos barcos. A língua dos índios Guató é múmura: é como se o dentro de suas palavras corresse um rio entre pedras. Ensaio fotográfico. Por que escrebo? Escrebo para ficar menos mesquinho, beleza de lo invisible non tem nada a ber com berso certinho. O discurso híbrido de D. D. faz convergir em si as linhas de força da “vida danificada”. A poética triplofronteiriana faz-nos viajar nos muitos sons que nos atravessam... A China é azul no Teatro Ipanema. Teólogos holandeses observam: Jesus jamais se declarou Deus. A impureza do branco. A tarde cai suavemente, mulher de trinta anos, e tinge de rubro o horizonte. Esta: fala irregular. Ritmo dissoluto: na sombra, cúmplice do quarto, ao contato das minhas mãos lentas... Conduzindo palmas e artisticamente fantasiadas de papoulas, grita o poeta Miramar. Abrem a alegoria.

Nesse ano e meio de pandemia, leio. As leituras me lembram todos os dias que o mundo é vário e que todos os dias estamos mergulhados numa profusão de sons e imagens, entre tantas coisas que nos penetram pelos cinco sentidos. Imagens da leitura, nada gratuitas como são as do livre mercado do consumo, mas poderosas. Puro veneno. Temos cinco sentidos para ler o mundo, mas quem se lembra? Gosto das imagens e de todos os sentidos que a literatura pode partilhar conosco. Não só ela, mas quem aprecia a palavra sabe que aí reside toda a riqueza que não é conta no banco. Rio de satisfação íntima quando a campainha toca e o correio me anuncia uma entrega. Uma breve lista das leituras recentes já daria um poema:

A fala irregular, Mutação dos barcos, Ciranda da Poesia - Douglas Diegues. Ensaio fotográfico. Dicionário de Imprecisões (com ilustrações do Wallison Gontijo). Casa (com ilustração do Wallison Gontijo). Poemas pitorescos. Horário livre. Diário de Casa.

Faculdade dos sentidos. Substâncias perigosas. Cantos profanos. Terralegia (cantos, com artes e engenhos). Toques. Taquicardias. Vicente Viciado. A mão é uma pista de voo. Outrossim. Bichos tipográficos. O caça palavras, com Dias-Pino e Joaquim Branco. Mestiços. Dicionário de termos gráficos, um Diagrama-glossário, um Gráfico-anatômico... em versão resumida. A trilogia do álcool e outros poemas. Escrever sem escrever. Bunker. 90 anos de Augusto de Campos. Ou o Brasil acaba com Bolsonaro, ou Bolsonaro acaba com o Brasil (crônicas do fim do mundo). Entre o vírus e o verme se esgueiram poemas. Peças Avulsas num jogo de tabuleiros. Totém. Concreções da fala. Escritura no-creativa. Mallarmagem - 50 anos [Maravilha da Tipografia do Zé e do Instituto Cleber Teixeira]. Improvisos para teclado e flauta. Bunker e as artes da Galileu Edições. Ágora (poesia e tipografia). Diário da cadeia. Poesia sonora. Amores, de Ovídio. Um estranho no Minho. Mais (um) nada. Entrelinhas, entremontes. Longe, aqui. Batendo pasto. Eles eram muitos cavalos. Isto não é um documentário. A desordem das inscrições (contracantos). Retrato desnatural. João Manoel. Livro/livre. Dá gosto andar desnudo por estas selvas (sonetos salvajes).

Breves cartografias que me alcançaram nos últimos meses. Linhas de força dissonantes, mas também plenas de ressonâncias imponderáveis. Chegaram pelas mãos do senhor carteiro. Matizaram meus dias de sol a cada vez que viajei por uma palavra, por uma página e por todas as páginas dessas aventuras. E não são únicas, porque do correio eletrônico me chegam outras notícias urgentes, que devo ler nos dias pares, embora os ímpares não deem desconto. No bolso, o livro iluminado me acompanha pelas ruas. Creio que os raios que me atravessam podem contagiar os outros. Vou contente por aqui e por ali e os olhos são mãos que se entrelaçam. Sim, olho meus companheiros, mesmo os mais taciturnos. Esses aliás dizem do fundo mais escuro o que ninguém parece ouvir.

Dizia alguém que as últimas palavras do moribundo se transformam logo num oráculo, e aí, segundo as fabulações de Eiras, as últimas palavras de Pessoa teriam sido: I know what tomorrow will bring.

Chego a pensar que os livros riem de nós, porque o estado de sítio é um sonho aloprado dos verdugos e o pesadelo dos desesperançados.

Nos livros policiais os detetives sempre sobrevivem. Mas a literatura pode ser também o veneno necessário contra as pragas que entorpecem. A pista me vem por uma língua voluptuosa: aproveite bién las falhas del sistema/ resiste, mano, em la región más desejada/ confia em el fogo de la palabra/ escribe com tu berga um bom poema. Evoé, Douglas!

EPÍLOGO

Um brinde

a

Lima Barreto-Carlos Drummond de Andrade-
Michel Melot-Álvares de Azevedo-Manoel de
Barros-Douglas Diegues-João Evangelista

Rodrigues-Manuel Bandeira-Oswald de
Andrade-Myriam Ávila-Ana Elisa Ribeiro-
Mário Alex Rosa-Guilherme Lentz-Álvaro

Andrade Garcia-Pedro Eiras-Evandro
Nascimento-Wagner Moreira-Paulo

Franchetti-Roberto Barros de Carvalho & cia-
Renato Negrão-Ana Paula Dacota-Guilherme
Mansur-Antônio Risério-Wladimir Dias-Pino-

Joaquim Branco-Gustavo Piqueira-Jovino

Machado-Leonardo Villa-Forte-Jardel Dias

Cavalcanti-Augusto de Campos-Marina Rima-
Sebastião Nunes-André Plez-Flávio Vignoli-

Ricardo Lisias-Ovidio-Raimundo Carvalho-Caio
Junqueira Maciel-Jacyntho Lins Brandão-Kaio

Carmona-Vera Casa Nova & cia-Maria Esther
Maciel-Maria Lúcia Alvim-Luiz Ruffato-Marcos

Siscar-Fernando Pessoa



NOSSO PROJETO

Bruno Narchi, 34 anos, é um ator formado pela Escola de Teatro Célia Helena e publicitário formado pelo ESPM. Co-fundador do Nosso Projeto, curso com aulas de teatro para alunos de diferentes faixas etárias, Bruno também teve que se adaptar durante a pandemia, mudando o curso para o formato on-line. Nessa entrevista, ele fala sobre sua trajetória no teatro e sobre as mudanças decorrentes da pandemia.

Como você começou o seu trabalho artístico? Você se sente realizado nele?

Eu comecei meu trabalho artístico em 2008, trabalhando pra Walt Disney Company aqui no Brasil, mas comecei a fazer teatro com 13 anos, como um hobby. Comecei a fazer a oficina dos Menestréis, fiquei encantado, permaneci por 7 anos. Na hora de prestar vestibular, faculdade, essas coisas, eu acabei fazendo propaganda e marketing na ESPM. Durante esse período houve um momento de virada do curso em que éramos obrigados a estudar à noite para estagiar durante o dia. Quando isso aconteceu eu tive que parar de fazer teatro. Foi meu momento decisivo, pois eu teria que sair do curso que eu fazia por hobby e percebi que, na verdade, eu queria mesmo era fazer teatro e estava me formando mais por uma obrigação social, de ter uma profissão um pouco mais con-



venicional do que ser aquilo de que eu gostava. Terminei a faculdade, porque já tava na metade, mas comecei também a minha formação como ator: fui fazer o Célia Helena e peguei o meu primeiro trabalho em 2008. Sobre a realização na minha carreira, eu acho que existem vertentes dessa resposta, apesar de ela parecer simples. Acho que me sinto realizado quanto às coisas que eu conquistei: queria fazer teatro musical, produzir, dirigir, escrever, fazer papéis específicos, musicais específicos. Algumas dessas coisas eu consegui realizar ou ainda estou realizando, mas a profissão “artista” no Brasil é bem complicada e, às vezes, conseguirmos realizar alguns sonhos não nos coloca como pessoas realizadas na nossa profissão. Acho que ainda existe uma série de questões que eu me pergunto até hoje com relação a

esse fazer teatro, ser artista, ser ator, de instabilidades e desvalorização da profissão. Então uma parte do Bruno ator é realizada, mas a outra parte ainda gostaria de ver muita coisa acontecer.

Como foram as mudanças nos cursos após o começo da pandemia?

Eu acho que tudo mudou depois da pandemia, mas foi uma mudança obrigatória. Não era algo porque estávamos esperando, e quando aconteceu existia a premissa de que seria muito rápido e aqui estamos até hoje. Para o teatro foi algo de peso e de muito sofrimento, porque é uma profissão que foi quase extinta: o teatro como nós conhecíamos, ao vivo - ir ao teatro assistir a uma peça. Alguns foram fechados e não vão reabrir. As peças ainda não conseguem muito bem voltar porque existe uma limitação de público, existe o medo do público, existem várias questões que mudaram completamente o cenário desse mercado. Os cursos que damos no Nosso Projeto começaram em janeiro de 2020; e essa primeira turma teve um engajamento maravilhoso. Em fevereiro começamos uma nova turma e em março começou a pandemia. É difícil dizer como seria o engajamento do curso antes, porque tivemos muito pouco tempo antes da pandemia, mas de qualquer forma existe um prazer dos alunos em estarem



presencialmente fazendo esse tipo de atividade que é muito diferente do online. E acho que essa foi a nossa maior descoberta ao longo desse tempo todo, que é: de que forma transformar o curso de teatro online em algo prazeroso e numa experiência que se assemelhasse de alguma forma com a experiência que você tem ao vivo. Isso foi uma evolução nossa que sem dúvida nenhuma foi mudando o engajamento e a perspectiva das pessoas frente ao nosso curso, tanto dos alunos quanto da plateia que começou a nos acompanhar. As apresentações online, que antes eram gravadas, começaram a se tornar ao vivo, e quando isso começou a acontecer, a gente começou a pensar em melhores caminhos criativos para apresentar essas peças online. Pra que esteticamente também fosse mais atrativo ao público, pra que o som também fosse melhor, pra que a conexão das pessoas fosse mais estável, pra que o texto tivesse mais sincronia, e acho que começamos a encontrar um formato muito legal para o online. Só que com isso também vem a estafa de todos os alunos de já estarem nessa situação pandêmica por tanto tempo. Querendo ou não, no curso online você ainda está em casa, então às vezes nosso emocional

prejudica nossa vontade de querer estar conectado pela internet com outras pessoas, porque podemos querer estar com elas, mas não conectados. Há pessoas que começaram o curso online porque acharam que ia demorar pouco tempo e quando a coisa se estendeu, não se identificaram com o formato online. Por outro lado, existem pessoas que a gente não conseguiria dar aula fora de SP, então o online conseguiu quebrar barreiras e começou a atrair pessoas de fora de São Paulo. Então o pós-pandemia exigiu uma mudança muito grande de todos os cenários e ainda estamos notando essas diferenças e acontecimentos, entendendo o que é que fica e o que é que muda, o que pode ser prazeroso, o que é bacana, que é um formato que pode ser mais desenvolvido, o que precisamos deixar pra trás. E acho que um ponto importante ainda sobre o público é a questão de mostrar que o online também pode ser uma experiência interessante.

Quando tivemos a pandemia teve o “boom” das lives. Muitas coisas aconteceram de formas diferentes: coisas legais e coisas nem tão legais, problemas de conexão, problemas de áudio, e como isso aconteceu de forma muito imediata, gerou-se um pré-conceito com relação ao que é uma apresentação na internet, o que é uma live. Eu noto que temos um pouco dessa quebra de paradigma quando temos alguma apresentação online: a gente tem que se convencer, antes de a pessoa assistir, porque aquilo pode ser interessante e normalmente é o feedback que a gente mais tem do curso. Quando a plateia nos assiste no formato online e fala: “nossa, eu não imaginava que poderia ser tão interessante e que eu poderia ter sentimentos tão parecidos com aqueles que eu tenho no teatro presencial”. Então eu acho que o público tem uma resistência muito grande em assistir a apresentações de teatro online e isso é algo que a gente ainda precisa quebrar.





Pode explicar um pouco a respeito do seu trabalho? Como são pensadas as apresentações e aulas? Sou ator há mais de 12 anos e por meio dessa trajetória comecei a me experimentar em outros lugares do meio artístico, comecei a produzir, comecei a dirigir alguns dos espetáculos que eu estava escrevendo, comecei a botar pra fora alguns trabalhos autorais. Junto com isso veio a ideia de montar um curso em que pudéssemos estimular os alunos a ter um pensamento mais empreendedor com relação à vida deles, não só à vida artística. Para isso, a abordagem do curso era trabalhar a partir de projetos independentes: do estudo de projetos independentes, da criação de projetos independentes. Foi assim que surgiu o Nosso Projeto, que hoje é o curso que eu tenho ministrado junto com o Thiago Machado e a Zuba Janaína. São dois dois módulos principais: um deles é do trabalho de mesa ao palco, que é pegar um dos textos autorais criados ao longo da trajetória do curso e hoje fazemos as montagens presenciais, que conseguimos retomar neste ano de 2021; o outro módulo é a criação de um projeto independente, que é iniciar um processo criativo estimulando a turma a falar aquilo que eles estão pensando e sentindo, a produzir pequenas cenas, pequenos textos, estimular a criação de algo original. E em paralelo a isso, eu que sou autor dentro do curso,

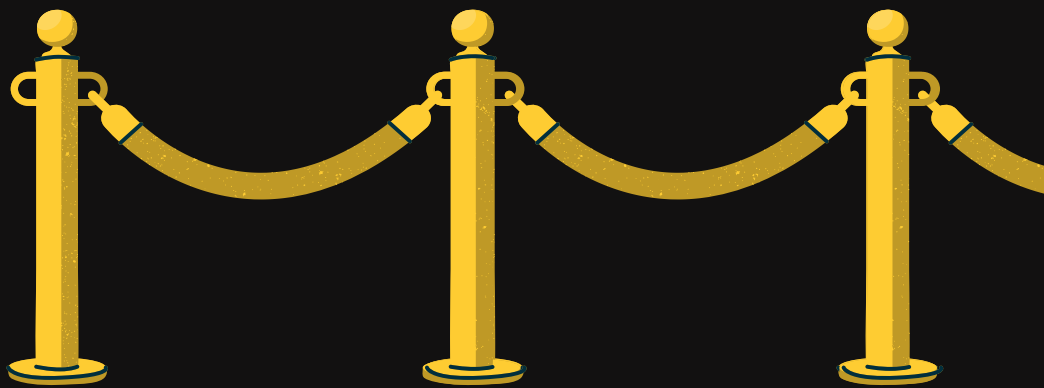
vou escrevendo uma temática que esteja dentro daquilo que os alunos estão sentindo e próximo daquilo que eles gostariam de falar. Não usando a ideia deles, mas “namorando” com o universo que está pautando a vida daquela turma naquele momento. E a partir da criação desse texto começamos as leituras, a ensaiar as músicas que podem ter saído dessa criação, coreografias e movimentações desenvolvidas pela Zuba, o trabalho de texto, interpretação e a concepção criativa desse espetáculo que vai ser montado pela internet, a princípio pra que a gente também traga uma proposta criativa em cima desse espetáculo. Com relação ao projeto presencial, as aulas são pensadas de acordo com o cronograma, com as necessidades para a montagem do espetáculo que faremos ao vivo. Com relação ao processo online eu acho que a gente tenta trabalhar como se estivéssemos trabalhando ao vivo: tudo é pensado para que aquela aula tenha maior interesse dos alunos, pra que a gente tenha uma grande interatividade, pra que a gente não tenha uma aula monótona, pra que comecemos a gerar um conteúdo que vá ser interessante pra quem vai assistir. Pensamos, logo, no público alvo dos professores, os nossos alunos, e no público alvo dos nossos alunos, a nossa possível plateia – tanto online, quanto presencial.

Além disso, por ser um curso, temos alunos com as mais diversas experiências. Tentamos conhecer a turma, fazer um grande “raio-x”, pra saber se tem pessoas que cantam, que dançam, que já têm experiência com teatro e interpretação ou se são pessoas com menos experiência.

E através do que temos dos alunos sabemos até onde podemos ir com aquela montagem, o que precisamos desenvolver mais, onde precisamos gastar mais tempo com ensinamentos e onde podemos passar mais rápido. É um curso pautado muito pelo momento presente, pelas pessoas e pela turma que temose pelo tipo de trabalho que aquela turma deseja desenvolver.



Eu acho que o teatro tem um poder imenso de transformação em todos os sentidos. Transformar a pessoa é um processo completamente de autodescoberta. O teatro nos ajuda a compreender quem somos, como nos portamos, como nos comunicamos, nossos pequenos traumas, desejos que não sabíamos que tínhamos, medos, travas e seus porquês e como romper essas barreiras. Não é um curso só para artistas, é um curso para pessoas, para entrarem em contato com o teatro, com a arte delas e, assim, poderem se desenvolver, aprender novas coisas sobre elas mesmas que podem ser utilizadas em qualquer outra profissão. E com relação ao empreendedorismo, eu acho que é uma coisa na qual eu me relaciono para poder ensinar. Então, uma vez que eu estou navegando pelo caminho do empreendedorismo artístico, através dele, que é no que eu tenho mais experiência e me sinto mais seguro em pautar os meus ensinamentos e as aulas e desenvolver os processos com os alunos, junto com o Thiago e com a Zuba que estão comigo nessa jornada há um tempo e também estão trilhando a jornada deles, através desse caminho conseguimos mostrar aos alunos um “beabá” do empreendedorismo pessoal. Do que você teria que pensar, por onde você começa, com quem você pode se juntar, quais são os possíveis caminhos criativos pra pensar em histórias



que também poderiam ser como negócios, que também poderiam ser como paixão. Acho que essa, talvez, seja uma lacuna no meio artístico: a gente faz pelo amor e não vê como negócio. Então eu digo que se deve pensar como um negócio, porque a gente precisa pensar em como se sustentar nessa profissão, quando você não tem aquele trabalho que você gostaria de ter. Então exige essa consciência dessa possível realidade de que as coisas podem não necessariamente ser como a gente esperava ou até mesmo não ter a estabilidade que a gente gostaria de ter. Pra isso, exigem-se outros planos ou outros trabalhos ou caminhos paralelos pra que a gente possa ter uma segurança financeira, emocional e também para que a pessoa possa se arriscar e se jogar nos trabalhos artísticos que gostaria de fazer.

Tem alguma dica para pessoas que têm interesse em ingressar nessa área?

Força emocional muito grande, muita resiliência e muito amor, porque muitas vezes talvez você se questione com relação a essa profissão. Acho que hoje - pode parecer uma visão pessimista, mas pautada pela realidade brasileira, pelo que tá acontecendo, por tantas inseguranças, - é uma profissão que exige planejamento, ser vista de fazer.





CECÍLIA MARIA ALMEIDA É UMA DAS ALUNAS DO NOSSO PROJETO. MORADORA DE TERESINA, AS AULAS ONLINE PERMITIRAM QUE ELA REALIZASSE UM SONHO. ALUNA DESDE 2020, ELA FALOU A RESPEITO DA EXPERIÊNCIA QUE AS AULAS DE TEATRO ONLINE LHE PROPORCIONARAM E O QUÃO PRODUTIVA ESSA EXPERIÊNCIA TEM SIDO.

Gostar e consumir teatro musical no Piauí é um desafio, é quase como viver fora da caixinha, sabe? Então fui em busca disso em outros lugares, mesmo que pela internet, viagens rápidas, qualquer contato e experiência que me permitisse viver um pouquinho dessa arte. Foi numa dessas viagens e experiências incríveis que eu conheci Bruno Narchi e a sua arte, em especial de fazer teatro musical no Brasil.

Continuei explorando esse universo da forma que podia, mas a pandemia trouxe a pausa nas viagens. Trouxe o caos, a incerteza e as crises de ansiedade. E, em meio a pandemia, a arte e o teatro de Bruno Narchi me salvaram. Teatro on-line! Alguém imaginou que isso seria possível? Que seria interessante? Que funcionaria?

A empolgação de aprender com quem eu admirava e vivenciar um pouquinho dessa arte me fez embarcar nessa novidade sem sequer pensar na sua eficácia. Mas não é que funcionou? Vi o teatro se reinventar sem perder sua essência ou sua beleza. E o mais legal? Eu estava fazendo parte disso! O curso de criação e teatro on-line renovou minhas forças no primeiro ano de pandemia. E então veio outra turma, um texto inédito. E depois outra turma e outro texto e outro processo ainda mais desafiador e gratificante. O meu respiro em meio ao caos. A minha dose semanal de arte que me ajudava a enfrentar o Brasil conturbado. Uma conexão inexplicável com pessoas que nunca vi pessoalmente, mas com quem criei vínculos incrivelmente poderosos. Pessoas que me conheceram em dias difíceis tornaram meus dias um pouco mais fáceis.

E então gostar e consumir teatro musical no Piauí se tornou real. E de gostar e consumir passei também a produzir. Em meio às dificuldades, injustiças e perdas do último um ano e meio, eu ganhei oportunidades, amigos e um pouquinho mais de vida. O desejo é que o curso continue mesmo após a pandemia, para que possa alcançar cada vez mais pessoas, de cada cantinho do Brasil, para que maiores oportunidades cheguem aos sonhadores e apaixonados fora do eixo Rio-São Paulo.

DESVENTURAS EM SÉRIE DAS

CRÔNICAS/FÁBULAS DO MALDOSO

COTIDIANO ANIMÁLIA: SENHOR SAPÃO

Senhor Sapão é acordado pelos raios de sol que entram pela janela de seu quarto e o lembram de que mais um dia vai começar. Ele levanta, procura seus óculos e seu creme seboso para passar no corpo anfíbio. Come algumas pobres moscas no desjejum, que reclamam antes de serem devoradas. Elas dizem que o padeiro estava de mal humor e assim não as deixou dormir direito. Pobres moscas, estavam duras e com sono!

Senhor Sapão corre para pegar a águia das 06:50, a qual está pronta para devorá-lo. Em seu interior melequento e abafado, já cheio de outros animais, Sapão se aperta para achar uma posição confortável até seu destino. Procura seus fones de ouvido, mas se lembra que os deixou em cima da mesa ao lado de sua máscara...

Uma agonia toma seu corpo mole. O Senhor Sapão olha ao redor e vê que todos estavam observando-o e julgando-o. Todas as outras criaturas, no interior da águia, usavam suas máscaras e o encaravam com desgosto e reprovação. Mas como pode! Tinha que ser um sapo mesmo! – Disse o esquilo que tinha sido devorado às 06:20.

– Sim! – Concordou o tordo – Tomara que ele caia em uma bacia de sal!

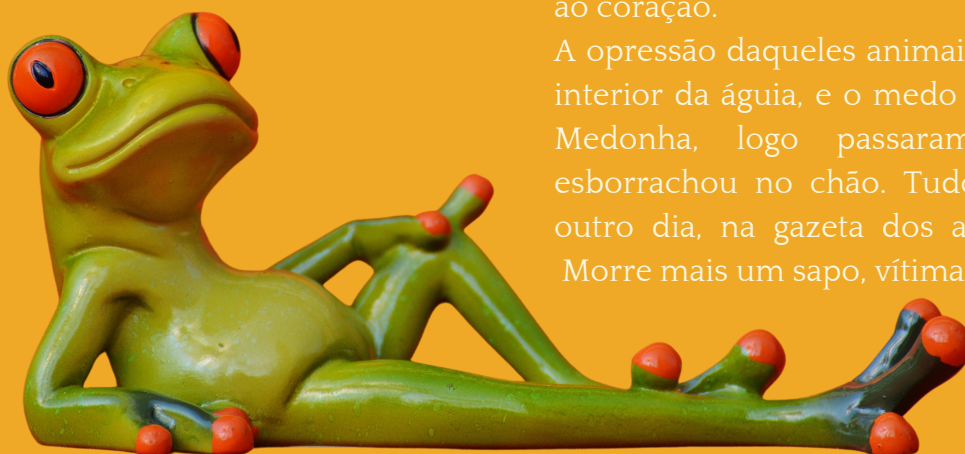
Senhor Sapão se encolhe em desespero e angústia. Há muito tempo seus dias já não eram felizes. Seu chefe, Kobra Medonha, não lhe dava sossego. Todas as horas do dia passava para ameaçar-lo, dizendo que se não lambesse as cartas para selá-las direito, trabalho esse que já lhe dava sérios problemas linguísticos, iria picar-lo até a morte, com suas presas venenosas, e logo em seguida o devoraria. Senhor Sapão, consumido pela ansiedade, pula do estômago da águia em uma falsa tentativa de voltar para casa para pegar sua máscara. Toda aquela situação era um trágico inconveniente.... Não era sua culpa. Ele era um dos maiores defensores da causa de prevenção à doença que se espalhava naqueles dias, sempre alertava sobre a sua gravidade. Era um dos poucos que ainda lutava de forma séria contra aquele vírus mortal.

Mas os problemas do cotidiano anuviaram sua mente e o fizeram esquecer um dos principais itens de prevenção.

Sua vida começou a passar diante de seus olhos como um filme. Seu frágil coração começou a pulsar mais forte a cada momento em que se aproximava do chão. Estava alto, muito alto.

Mas, incrivelmente, uma sensação de paz lhe veio ao coração.

A opressão daqueles animais que o cercavam no interior da águia, e o medo do veneno de Kobra Medonha, logo passaram quando ele se esborrachou no chão. Tudo tinha acabado. No outro dia, na gazeta dos animais, noticiava-se: Morre mais um sapo, vítima de COVID.



DAVID FELIPE, 26 ANOS | ESTUDANDE DE LETRAS - TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO CEFET/MG
ESCRITOR NAS HORAS VAGAS E AFICIONADO POR RPG E MUNDOS FANTASIOSOS.

ENTREVISTA COM VAL PROCHNOW

Val Prochnow é escritora e jornalista e, aos 44 anos, pós-graduada, é facilitadora de grupos de escrita online voltados para mulheres. Autora do livro *Inventário de Mulheres Possíveis*, uma coletânea de pequenos textos que descrevem diferentes mulheres a partir da percepção da autora em seu cotidiano. A autora tem novos livros em processos de criação. Solicitamos e ela aceitou o convite da Revista Editar para falar sobre os desafios que a pandemia acarretou para o processo criativo e os reflexos da contextualidade para a escrita.

Em sua perspectiva, como o jornalismo atua na disseminação de informações no contexto de Pandemia?

No começo da pandemia, tentei me informar tanto quanto pude sobre o coronavírus. Assisti plantões [noticiários], li reportagens etc, e o que ficou bem explícito pra mim foi a constatação de que no Brasil a imprensa precisou se esforçar mais, por assim dizer, para dar conta do fato em si - a pandemia, o isolamento social etc, - e dos desdobramentos políticos que o coronavírus carregou consigo. Não foi e nem deve estar sendo fácil para jornalista atuar: temos um governo negacionista, que omitiu dados sobre a doença (fazendo com que a imprensa criasse um consórcio para apurar os números de mortes, entre outros [dados]), deslegitimou as orientações mundiais acerca da prevenção, espalhou fake news e bordões muito perigosos para serem proferidos por um chefe de estado ("é só uma gripezinha"). Aqui, a imprensa está tendo que dar conta da pandemia e de um dos maiores escândalos éticos, senão o maior, na política. Os veículos que acompanho são bastante combativos e críticos sobre todo este cenário, mas não sei dizer muito das mídias mais tradicionais, da tevê aberta, do rádio.

Você acredita que a quarentena e o movimento Fique em Casa afetaram o processo criativo dos artistas e produtores?

Aqui vou entender produtores como produtor de conteúdo, certo? E, no meu caso, produção de escrita literária, poesia. A quarentena afetou tudo, ao meu ver. Tirou tudo do lugar, ressignificou outros. A casa se transformou em escritório, escola, parque de diversões, cinema, bar... E as pessoas estão escrevendo e escrevendo e escrevendo. A arte tem essa prerrogativa de ampliar as vozes, os sentires, os estados humanos. Em um momento como este, é natural que as pessoas que produzem artisticamente se sintam muito mobilizadas a se expressarem. Nesse sentido, creio que o movimento fique em casa colaborou para o surgimento de várias iniciativas, desde coletâneas de autores falando sobre a pandemia até a feitura e lançamento de livros sobre o tema, diretamente, ou não. Obviamente, estamos falando aqui de quem teve condições de se colocar para produzir: muitos escritores e artistas não puderam se dedicar aos seus projetos por terem que assumir uma série de outras ocupações no período do isolamento. Mas eu acredito que, passado esse período mais crítico da doença, teremos uma avalanche de produções, exposições, lançamentos etc. No entanto, novamente, temos que falar do governo: tivemos pouquíssimos editais realmente efetivos para os artistas (no sentido de fornecer recursos para as produções) e sabemos bem o motivo para isso. A essa política atual, não interessa a produção artística, não interessa a reflexão causada pela arte, não interessa fruição gerada por ela.

De que forma o seu processo criativo foi afetado?

Eu gosto de caminhar quando estou em processo

de escrita. No meu primeiro livro, Inventário de Mulheres Possíveis (Ed. Modular, 2017), andei muito pela cidade para observar tipos femininos, por exemplo. Na pandemia, passei por várias fases e uma delas foi muito atravessada pela total incompetência de falar sobre o assunto da vez: a sensação de que a realidade supera em muito a ficção bateu forte. Por outro lado, foi uma experiência muito interessante parir um livro (no prelo) nesse grande ventre que a casa se tornou. Finalizei um livro bastante íntimo de poemas no início do ano e acho que o seu tom traz isso "pra dentro", esse isolamento e essa solidão - embora não se trate especificamente da pandemia, ela está lá, presente em alguns versos explícitos ou presente na forma, consequência do modo de fazer desse livro: um livro feito integralmente dentro de casa, nos espaços entre, isto é, entre uma função e outra, todas vividas no ambiente doméstico.

Como era seu processo criativo antes do isolamento social?

Tirando a questão que mencionei acima, que é o fato de sentir necessidade de caminhar e ver pessoas, coisas, cores, cheiros durante a escrita, acho que mudou pouco no sentido de que o que me toca a ponto de escrever, de começar uma escrita, é de ordem bastante íntima. Claro que ninguém é uma ilha, e o que me toca, já tocou ou vai tocar o outro... Talvez o que tenha mudado radicalmente seja o estado com o qual o corpo, a mente, o espírito se encontram para o ato da escrita. São tempos muito assustadoramente tristes e de pouca esperança. E isso interfere, senão no conteúdo, mas também na forma.

Quais são as possibilidades para uma escritora na quarentena? Você enxerga mudanças desde antes da pandemia?

Tenho acompanhado coisas bem legais: escritores fazendo diários de pandemia, gente se agrupando para lançar coletâneas... Vi também iniciativas de editoras, que lançaram editais próprios em busca

dessas vozes, para falar do tema... Como eu finalizei o meu livro, estou vivendo uma fase meio ainda de ressaca pós escrita. Paralelamente, facilito encontros mensais com mulheres que se dispuseram a escrever, não necessariamente se enxergando escritoras, mas por um desejo ou necessidade de se expressarem ou traduzirem o que estão vivendo. São encontros online e tem sido uma experiência riquíssima de troca.

Quais são suas perspectivas para o mercado da escrita e edição de textos após o fim do isolamento social?

Eu acho que tem muita gente produzindo. Muita gente escrevendo. Eu acho que é bem do nosso lugar, da arte, da literatura, de tantas outras artes, de serem esse reflexo do seu tempo, e às vezes até se antecipar nesse reflexo e tudo mais. Não que seja uma função da arte, a arte não tem função propriamente dita. Mas eu acho que é um caminho que a arte cruza. Além disso, os diários de escrita durante a pandemia são bem legais. Tem muitos escritores fazendo arte na pandemia. A André Marcela, por exemplo, acabou de lançar um livro, um diário de pandemia que é muito legal. Acho que podem seguir essa linha.



A MANCHA

Tarde da noite, e me preparava para dormir. Na TV, servindo de fundo, acabava um filme natalino. Deixei ao lado da cama um livro para a última leitura do dia e fui tirar a lente. Flupt, uma; flupt, outra. Fui enxugar a mão em uma toalha pendurada no box e percebi um movimento escuro no chão.

Todos os sentidos imediatamente em alerta, menos a visão, já despida. Recuperei o controle, tentei olhar melhor. Sem dúvida: arrastava-se no trilho da porta um ser feio, invasor. Barata? Um inédito escorpião? Outro animal, talvez? Sem a lente, eu já não conseguia ver, exceto chegando tão perto que já estaria ao alcance de um hipotético salto, esguicho de veneno, grito.

Calma. É preciso manter o controle. Essa descarga de adrenalina certamente é herança de eras remotas. Nossos ancestrais de milhares, milhões de anos atrás deviam representar ameaça mútua, e essa energia escondida foi o presente que a natureza lhes deu para que tivessem mutuamente chance de sobrevivência no encontro de um com outro. Isso agora mudou. Mudou?

Lá no trilho, a mancha também está em alerta. Seus movimentos são mais cuidadosos. Ela fica rente à sombra que a luz do banheiro cria ali, sombra que instantes antes não representaria nada, mas que para meus olhos sem lente é parte de uma rede de penumbras indistintas e aterrorizantes.

E se o bicho for venenoso? E se andar pela casa durante a noite? Se caminhar por nossas bocas? Se morder, se sujar, se envenenar? Por onde ele terá vindo? Que caminhos imundos ele terá passado até meu banheiro? Terá transitado por minha toalha, escova de dente, deixando ali um rastro de asco que vai continuar a me assolar para sempre, sem que eu sequer saiba? Andarei para sempre de chinelo, sem nunca estar tranquilo o bastante para pôr os pés descalços no chão de meu próprio lar? A casa estará cheia de frestas, de camadas abertas? Estarão as paredes, por dentro, povoadas por seres perigosos, fantasmagóricos? E se - penso com uma mistura de medo e afeição - plantar centenas de ovinhos, que originarão centenas de outras pequenas manchas no chão da noite? O medo é atávico, irracional. Vou ter que matar.

Mas como, se não enxergo nada? Ela vai escapar do chinelo, subir por meus braços, entrar pela minha boca. Mas como, se é só uma criatura indefesa, também ela assustada, também querendo fugir, vencer por sua vida? Se há perigo, por que continuamos aqui, certamente já visitados, na discrição das noites, por outros também danosos invasores? Já não sei o que é certo ou justo, mas penso em estratégias. Manter a calma. Atacar.



Entra o cachorro no banheiro. Percebeu a tensão no ar, ainda beneficiário dos sentidos da natureza. Chegou diferente de mim, nenhum traço de medo. Passou por minhas pernas, entrou no box, foi certo ao alvo.

A barata - agora tenho certeza de que é uma barata; acho - não desistiu. Escapou, mergulhou lá no vértice, onde a parte móvel da porta se encontra com a parede, enfiou-se em um canto de greta. Parou, protegida. O peludo não tem medo de nada. Tenta enfiar os dentes, tenta mergulhar as patinhas, querendo arrancar a presa do esconderijo. "Para com isso!"; eu estou com um medo novo, um medo de que ele vá comê-la, de que a natureza de novo se mostre aqui.

Mas nada. A fortaleza é inexpugnável. Ficamos ali. Eu, o cão, a barata, os três em impasse. Tento me aproximar. Vejo que ela continua lá. Vou deixar escapar, ela só quer passar, ela só quer viver. É com certeza arauto de uma comunidade de baratinhas famintas, que enviaram em arriscada missão sua mais valente representante. Ela sabe que está em perigo. Somos dois contra uma. Matar é errado. Matar é errado, mas ela pode fugir. Pode fugir, pode andar em nossa boca, pode deixar ovos, pode crescer e nos subjugar. Não. Ela tem que morrer.

Deixo o cão de guarda e busco pá e vassoura. Cutuco a criatura em seu esconderijo. Não se deve cutucar onça com vara curta, eu sei. Cutuco a fera em seu esconderijo, e ela corre, errática, desesperada. O cão ataca, ela escapa. Já estou de chinelo na mão, aguardando com frieza o momento do bote, o momento sem chance. Ela é valente. Percebe, escapa, para de novo no batente, no canto, no esconderijo, ganha outra cutucada, foge de novo, o peludo lhe acerta uma, duas patadas. Ela está machucada, mas não desiste, guarda-se nos cantos. Calço o chinelo, volto à vassoura. Acerto-lhe um golpe que a vira ao avesso.

Ela bate as perninhas, desesperada. Sabe que acabou. O peludo se afasta, sai do box e do banheiro. Missão cumprida. Contemplo junto ao ralo aquela figura por alguns segundos. O ralo. Deixá-la ali ainda me passa uma vez pela cabeça. Quem sabe. Mas não. Inspiro, levanto o pé a cinquenta centímetros do chão e em uma só rápida e violenta pisada encerro a história. Eu nunca sei que força e tamanho a pisada deve ter para ser confiável. Tudo é hediondo. Fecho os olhos e paro o pé por alguns instantes. Espero a certeza se formar. É depois que me movo.

Varro o cadáver para dentro da pá e só então olho de perto o bastante. Era mesmo uma barata.

GUILHERME LENTZ, 46 ANOS, PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CEFET-MG. | EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS: "A ESCRITA PRÁTICO DE FORMA AMADORA E DESPRETENSIOSA, MAS MANTENHO A PRÁTICA, ENTRE OUTROS MOTIVOS, PORQUE ESSE É TAMBÉM UM GESTO DE ESTUDO: PRODUZIR ARTE ME AJUDA A ENTENDER E APRECIAR MELHOR A CRIAÇÃO EM ESCALA MAIOR."

“Abandonados a si mesmos, continuarão trabalhando, reproduzindo-se e morrendo de geração em geração, século após século, não apenas sem o menor impulso no sentido de rebelar-se, como incapazes de perceber que o mundo poderia ser diferente do que é.”

GEORGE ORWELL, 1984.

- Nossa máquina parou de novo.

- Já sei o que preciso fazer.

Toda semana é assim, as máquinas dessa parte da cidade não funcionam bem. Todo mundo já se acostumou com o filtro de ar em todos ambientes fechados por conta da poluição e das doenças altamente contagiosas que estão lá fora. As máquinas salvam nossas vidas, mas não é tão bom quanto parece; a parte mais rica tem prédios inteiros, espaços de lazer, hospitais e até escolas com seu próprio filtro, permitindo os estudos desde a infância até a faculdade.



É preciso se preparar para ir até o lado de fora, e ainda tem que ser rápido, senão o ar de dentro de casa fica igual ao externo. Botas lacradas com fita, jaqueta fechada, luvas e máscara: o mínimo para

conseguir sair, tanto para as manutenções semanais quanto para vender ou trocar o que ainda tem valor por comida ou todo resto que é necessário. O maior sonho das pessoas daqui é conseguir ir para onde existe uma vida menos anormal do que essa.

É agosto e o calor de 57° faz gerar muito suor dentro de todas as proteções que se usa do lado de fora. A máquina vai precisar de algumas marteladas, o exercício vai gerar ainda mais cansaço. Da rua, dá pra ver, no alto do morro, as casas com grandes janelas de vidro, algumas ainda possuem máquinas que refrescam o ar, além de filtrar as impurezas. O cotidiano das pessoas ali deve ser totalmente diferente. Lá podem sair para baladas, se estiverem livres de doenças, podem fazer exercício físico, estudam tranquilamente; enquanto deste lado temos supermercados precários, casas cheias e pouquíssimos hospitais que ainda funcionam.



O calor parece só aumentar. Os baldes que ficam do lado de fora para pegar água da chuva estão secos há mais de quatro meses. A água do encanamento ainda é suja. O mar é tão forte que não se pode chegar perto. Até os peixes dos rios iriam para outro lugar, se pudessem, é muita imundice. Ao terminar de consertar a máquina, a única forma de frescor vai ser deitar no chão sem roupa.

- Anda logo aí fora!

Não dá pra conversar bem do lado de fora, é péssimo gritar com a máscara e capuz no rosto, mas a pressa é porque o ar dentro de casa deve estar piorando. A máquina está quase pronta. Será que o povo lá de cima também precisa disso? Até as roupas deles são melhores. Tudo pronto, finalmente é possível entrar em casa.

A água já está fervida para poder beber, mas beber água quente seria ainda pior. Pelo menos já dá para tirar a roupa e ligar a TV no único canal existente, na única programação existente: A voz do povo. Deveria ser “A voz do povo rico”, são programas de culinária com ingredientes que só tem lá; notícias de pessoas curadas que só tem lá; realitys shows divertidos que só tem lá; divulgação de atividades de lazer e de atividades educativas de lá; e o pior, o presidente que carrega a culpa das mortes das matas brasileiras, da diversidade cultural e social, da população, de tudo, dizendo que está tudo ok!

Vai ser preciso sair novamente, mas há muitas pessoas para as tarefas externas. Os livros vão ser trocados por produtos de higiene pessoal, que estão em falta, no momento. A horta interna está carregada, finalmente, é hora de colher. Não há mais tempo para frustrações, amanhã o dia será igual.

LIVRARIA E EDITORA SCRIPTUM: UMA ENTREVISTA COM WELBERTH BELFORT

Em entrevista, o editor ressaltou as dificuldades do setor nacional e alguns fatores que fizeram com que o estabelecimento permanecesse aberto mesmo durante a pandemia.

Welbert Belfort, 56 anos, de Ouro Preto, é sócio fundador da livraria Scriptum e amante de História e Cultura e de áreas como Artes Plásticas, Teatro e Cinema. Foi assim que começou a ampliar seu acesso a pessoas e lugares que o fizeram ter maior interesse pela leitura, abandonando até mesmo empregos em que, de acordo com ele, poderiam oferecer maior estabilidade financeira.

Você acredita que essas mudanças, se houveram, permanecerão na editora ou elas são apenas temporárias? Podem ser consideradas facilitadoras do acesso do leitor ao livro?

Pode até haver mudança de comportamento. Se eu não tivesse o e-commerce, já teria fechado. Algumas lojas tiveram até ajuda com o aluguel, mas não tinham o e-commerce, então precisaram fechar. Se não fosse isso, eu teria mudado minha banca para outro lugar ou teria fechado. Não consigo ainda vislumbrar qual seria a dimensão dos lançamentos virtuais

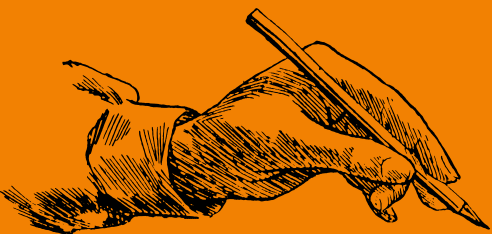
Como são pensados os projetos de publicações e acolhimento de livros, assim como novos autores?

O ramo editorial não é individualista. Para confecção do livro há toda uma equipe por trás, desde revisores, editores, designers etc. Antes, eu não recebia nada por e-mail. A questão é que, na minha experiência de trabalho, eu tive comigo pessoas que geralmente estavam estudando ou lecionando, e eu pensava em como seria para elas terem que fazer todos os seus trabalhos, dando aula ou fazendo doutorado, ou estudando pelo computador e ainda ler livros pela tela. Com o tempo, nós fomos mudando isso, porque cada um tem um tempo e forma de trabalho e isso permitia uma dinâmica maior também, e conseguimos atender a todos com o cuidado que merecem. Então, uma vez que recebemos e estabelecemos um prazo para avaliar o manuscrito, - até porque não podemos criar um vínculo com o autor e prometer a base financeira para ele sem sabermos se vamos fazer a publicação do seu livro -, uma vez que é escolhido, começamos então a preparar os outros processos, como revisão, design e lançamento. São muitos autores, mas poucos que realmente têm essa coisa de ler muito, pesquisar, fazer algum trabalho que realmente seja impactante ou diferente da maioria das coisas que vemos atualmente. Então, como não é um processo muito barato, tentamos escolher bem o que vamos publicar e se atende ao nicho da editora.



Foi possível observar mudanças no engajamento dos projetos editoriais após o começo da pandemia? Foi difícil ou necessária alguma adaptação?

Bem, o ritmo abaixou bastante, mas eu não deixei de publicar. Na verdade, ficou um pouco mais complicado, principalmente por causa dos editores, que são professores universitários e têm que lidar com a tela para fazer algumas leituras. Tudo ficou mais virtual. Mesmo que haja pessoas que tenham mais facilidade para ler os textos que recebemos em formato PDF, ainda não é tão simples. Temos muitos livros de autores que ganharam prêmios nacionais, mas tivemos que diminuir o número de edições. Estou editando dois livros de literatura e outros de psicanálise, que é um outro caminho da editora há alguns anos. A parte da edição, então, deu uma parada. O que foi pior para a Scriptum foi que sempre alguma parte das edições a gente conseguia [vender] nos lançamentos, de forma que garantíamos algum suporte financeiro tanto para os autores quanto para os editores. Isso caiu bastante. Agora, com a pandemia, tivemos que nos adaptar a um novo comportamento concernente a isso. Ao invés de lançar um livro presencialmente, foi preciso passar a fazer isso virtualmente. Mas tem alguns autores que são mais conhecidos e que costumam fazer algumas lives para apresentar o livro ao público. De certa forma, isso ajuda bastante nas vendas, mesmo que ainda seja em uma quantidade menor. Isso porque eu sou uma das poucas livrarias que tem um e-commerce muito forte, então conseguimos manter as portas abertas e tudo o mais, diferente de algumas outras livrarias, que precisaram fechar ou mudar. Até porque, o aluguel não mudou, continuou no mesmo valor.



Também, a loja virtual não foi uma atitude que a gente resolveu tomar depois da pandemia, ela já existia há um tempo, então isso foi o que mais ajudou, além das redes sociais. Claro que o lançamento virtual não é a mesma coisa que o lançamento presencial. A nossa característica geralmente é o lançamento de autores que estão estreando. Eles têm amigos e família, mas eles não irão atingir um número maior de pessoas só nesse círculo íntimo. Ainda não cheguei ao ponto de apresentar um livro pela internet, mesmo que já tenha todos os equipamentos aqui comigo.

Tem alguma dica para pessoas que têm interesse em ingressar nessa área?

Saber que você não está escrevendo para satisfazer o seu ego, mas escrever algo para outros lerem. Não é seu momento eureka que vai fazer com que você seja um escritor de sucesso. Você só consegue colocar sua digital, seu soluço, quando você consegue transitar na cultura, conhecer o universo literário, ter conhecimento, ter curiosidade. Se não, você sempre achará que está fazendo alguma coisa maravilhosa, mas não estará. Quanto ao design e ao revisor, acredito que não faltarão oportunidades de trabalho. Quanto a ser escritor, é importante que haja muita leitura. Muitas pessoas acreditam estar escrevendo algo incrível quando, na verdade, não passa de um conteúdo que já é comum de se ver ou que não seja relevante. É importante que se leia muito, pesquise, seja curioso e corra atrás. Pode ser uma escrita para o seu ego, para sua família, mas para mim, não seria literatura. Teria que ser algo que representa alguém que está lá no interior do Amazonas, no Paraná, isso pra mim é Literatura. Não acho que todo mundo precisa amar o Clássico, mas é preciso saber quem você é, e em que parte desse universo você se encaixa.

ENTREVISTA COM KETTY VALENCIO

Ketty Valencio é paulista, negra e proprietária da Livraria Africanidades, cujo propósito é expandir o reconhecimento da literatura de autores negro. Logo, por ter nascido na periferia e não ter percebido essa representatividade, decidiu empenhar-se para mudar essa situação, criando uma livraria. Antes, era apenas uma loja virtual, mas hoje conta com uma loja física e diversos programas de inclusão, como rodas de conversa e assinaturas que tornam o preço dos livros mais acessíveis. Em entrevista, ela ressaltou algumas das dificuldades que têm alcançado os livreiros independentes e as adaptações que precisou fazer para lidar com a pandemia.

Que estratégias de sobrevivência na pandemia vocês estão usando para se manter no mercado?

Através de exploração das ferramentas online, de marketing e de criações de novos serviços e projetos.

Como vocês mantêm contato com os autores e leitores para continuar o seu trabalho?

São [feitos] virtualmente como: por e-mail, direct, messenger, whatsapp e serviço de videochamadas.

Quais estão sendo as maiores dificuldades para autores e editoras independentes e livrarias de rua?

A pandemia impactou a vida de todas as pessoas. Com isso tivemos que nos adaptar às normas de saúde e assim o espaço físico continua fechado.

A nossa principal dificuldade é o fardo de sermos sempre produtivas, pois o mundo online acarretou uma sobrecarga na parte física e emocional, pela questão de ser um mundo novo e desconhecido, o que evidencia as inseguranças e também a quantidade excessiva da carga de trabalho.





ISOLAMENTO



P O É T I C O





ENTRE TEMPOS

(OU A DANÇA DA INTENSIDADE)

CAETANO NUNES



Me explica, como é viver entre intervalos? Como é existir entre tempos? Como é viver, geograficamente, entre o passado e o futuro e desconhecer a existência de algum presente? Acho que tenho os meus relógios atrasados e, se adianto as horas, sinto os ponteiros em um tic tac hostil, dentro do meu peito. Quando sinto meu peito também sinto minha garganta. Quando sinto a garganta percebo que, do tórax ao pescoço, é o caminho que meu coração faz quando quer sair pela boca. No peito já não cabe tanto coração. Entre as paredes também sinto que não caibo. Me falta cabimento. Hoje fiquei algumas horas na janela, gastando os olhos no horizonte. Se eu fumasse, meu olhar vago teria mais charme, mas eu não fumo. Acho que tenho meu charme retraído. Queria que o modo em que sinto o mundo também fosse retraído, que as coisas me tocassem devagar. Mas tudo em mim é muito. Tudo é tanto e eu só queria que você me explicasse: como eu faço para sentir pouco?

30 ANOS | BELO HORIZONTE | PEDAGOGO



MIRE O CÉU

ALÍCIA TEODORO

Os olhos
molhados
por detrás dos óculos
miram o céu
a boca
seca
por detrás da máscara
reclama
mais um dia
mais um mês
mais um ano
mais uma alma!

...

Mire o céu

...

E os olhos
molhados
por detrás dos óculos
miram o céu
e a boca
seca
por detrás da máscara
ora, suplicante
para que tudo fique bem.

ALÍCIA TEODORO DA SILVA | 8º PERÍODO DO CURSO DE LETRAS
@ALICIA TEODORO.

ESCOLHAS

JOE DIAS

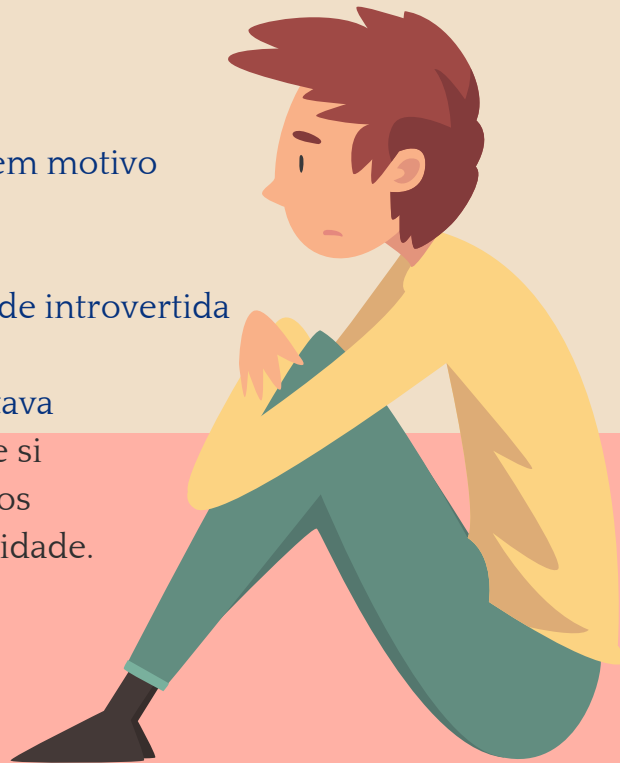
interromper a vida
um desejo antigo
alimentado por anos
agora encontra-se próximo
basta sair porta afora exposto
e mesmo protegido
ainda é um risco
e uma tentação
mas ele se nega
não assim
não desse jeito
não um número.
ele sempre teve orgulho
de poder fazer as próprias escolhas
melhor aguardar
uma nova oportunidade surgirá
e então o poder
estará em suas mãos
como
quando
e onde
ele quer para si
o poder de escolher
quando interromper
o que lhe foi imposto ao nascer.



ANTES

JOE DIAS

para ele
o silêncio
antes corriqueiro
agora é vazio
para ele
a solidude
antes escolha
agora é imposição
a falta de contato
que ele antes exigia sem motivo
agora é necessidade
o autoisolamento
antes sua personalidade introvertida
agora é protocolo
tudo o que ele acreditava
ser parte intrínseca de si
está em todos os outros
perdeu sua individualidade.
As paredes
antes seu conforto
seus livros
antes seu abrigo
seus jogos
antes seu refúgio
são lembretes de uma vida outra
que parecia aproveitada
prazerosa
aconchegante
vida que agora
parece não vivida
impedida.



JOE DIAS, 24 ANOS, CIDADÃO DE BELO HORIZONTE E ESTUDANTE DE HISTÓRIA NA PUC.

REGIANE ABELHA

Já disseram que inútil é o artista
Mas não discuto com mentiras
Meus amigos que são tirados de metidos
Mas é pq são mais sabidos
É mais fácil identificar o erro no corre
Quando se está errando a uma cota nisso

Já tentou vender poesia às 7h da matina?
Dizem que nem é trabalho se for feito por você:

Vai lá na rua ver, tô sempre lá
Quer me ver aqui, fácil só me pagar

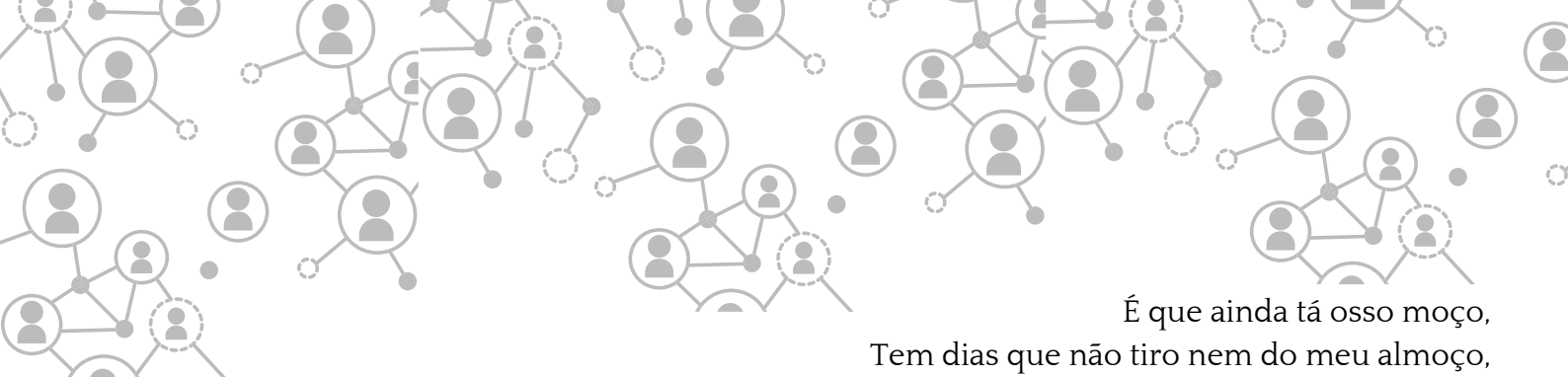
Mas num é pra colocar preço, não sou Universal
pra vender poesia como se fosse sal
Ilusório achar que não quer grana
Quem vende almoço pra comprar janta
Já tentou vender poesia pra quem te conhece?

Tamo junto porém eu primeiro
Eu te apoio porém depende
Porém não rende
Porém não vende
Já tentou vender poesia pra teus parentes?

Ainda bem que eu tenho família
E nem falo só da rua
Sem preparação emocional para militar contra
militante
Tem que lutar até pra tomar na bunda
Parece que foi a muito tempo
Mas foi tudo ano passado

Eu te entendo pai
Sei que com a vida a gente ganha rugas
Dor nas costas
Cerveja fica melhor que vodka
E se pudesse bebia o dia todo
Mas a gastrite não deixa
E o dinheiro a acaba





É que ainda tá osso moço,
Tem dias que não tiro nem do meu almoço,
É carne de pescoço que só perde pro suã Já não
quero escrever sobre o sufoco moço,
Quero ter o suficiente pra ter conforto
Tipo uma lista de afazeres:
Comprar o público, fazer arroz
Falar pro teu filho que ele não pode ter um pobre
Não do mole pra quem não conhece Cras
O corre não é por dinheiro
Mas o dinheiro move o corre
Sem grana o corre morre
É por falta de grana que os menor sofre
É difícil firmar a cabeça sem nada no estômago
Eu que nunca passei fome não quero começar
agora
Cria, se não ajuda na mudança não coloque mais
peso nas costas Já tentou vender poesia pra quem
nunca ouviu falar de você ?
Os revolucionários de Twitter migraram para o
Facebook a tanto tempo
Que damos risada 3 meses atrasados
É preciso se atualizar, pra continuar a vender
Não fazer as coisas de graça e achar que isso basta
Pois as contas não pagas
Vão continuar a cutucar você
Onde já se viu trabalhar sem receber ?
E se tem um negócio que eu aprendi
É que quando um vai todos vão juntos.
Todos tem que ir juntos,
Quando é de verdade a parada tem que
acontecer.
E ter quem me espere pra jantar
Já tentou vender poesia ?
Eu já, queimei a carteira com poucas assinaturas,
Sai pra rua tendo lar.
Nem discuto com quem diz que vive sem ar(tista)
Não vale a pena discutir com mentiras.

HIGIENICIDADE

LUCAS ASSIS



Culpa no cerne da nobreza
Mas tudo claramente higiênico
O papel é higiênico
A ducha é higiênica
Tudo higiênico
Bichos imundos fazendo algazarra
Bichos imundos fazendo algazarra
Algazarra sendo feita por bichos imundos
Bichos imundos não higiênicos
O jornal não é higiênico
O gás não é higiênico
Nobreza imunda imunda nobreza
Podre pobre pelada de noção.
O conhecimento leva a higiene
A nobreza não tem higiene
nem mesmo... higiene
Higiene em uma cidade
É urbano é higiênico
higienicidade.

LUCAS ASSIS, 21 ANOS | ESTUDANTE DE LETRAS - TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO NO CEFET/MG | ALUNO DE HISTÓRIA NO CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI | PROFESSOR DE PORTUGUÊS PARA ALUNOS ESTRANGEIROS | ESCRITOR.



UMA ANSIOSA EM PANDEMIA

5 horas da manhã
e eu não sei que dia é.
parece que eu vivi esse mesmo dia
um milhão de vezes.
meus pés não alcançam o chão
e o dia de amanhã parece que vai ser igual ao de hoje.

tenho turbilhões de pensamentos rondando
o meu estômago
e as pontas dos meus dedos formigam
o céu às vezes é azul
mas a maioria dos dias parecem cinza.
alguém me diz porque meu céu não é
o mesmo de alguns anos atrás?

vez em quando lembro de como era
no tempo de criança
as ansiedades não existiam
e brincar não doía
[já que não brincavam com sentimentos].

fazem muitos dias que eu não tenho
certeza do que eu vou ser quando crescer
porque me faltam forças
para me reconhecer num plano escuro
do meu próprio ser.
eu parei de crescer. de todos os lados possíveis.

saudades de andar nas calçadas de mãos dadas
com minhas emoções.
agora sento no meio-fio e não sei existir.
ansiedades percorrem cada infinito que
preenchem meu ser
[que são tão pequenos comparados aos infinitos de antes].

mas [nos fins dos poços que eu me encontro]
há água cristalina
e uma tentativa de fuga
para uma realidade que
com certeza não é a que eu tô vivendo agora.

LAURA GONÇALVES | POETA ÀS ESCONDIDAS | 21 ANOS | ALUNA DE LETRAS

EU, TU, ELES

VANESSA ALMEIDA REIS



Eu, tu, eles... todos.
Não é uma simulação de "Morte e Vida Severina"
Métricas nunca medirão vidas inteiras.

E é na rapidez da vida
Que eu ressignifico a velocidade dos meus ponteiros,
Dos meus começos, dos meus propósitos,
Meus posicionamentos.

Mais.
Nas pessoas, riquezas.
Mais.
Na simplicidade, beleza.
Mais.
A quem quer que seja.
Aonde quer que esteja.



Antes de reviver a humanidade
Antes de compreender o caos
Antes do agora
Antes do se
Respirar...

Substantivo que é ação; verbo que é nome:
Recomeço.

A pandemia retira nossas bases de segurança
Solta mãos e fortalece laços invisíveis
O significado esclarece o que a etimologia segreda
As crisálidas não nos limitam, não nos definem
Elas demonstram a profundidade dos nossos sentimentos
Nas crises nos revelamos.

VANESSA ALMEIDA REIS | 33 ANOS | ASSISTENTE SOCIAL E SERVIDORA PÚBLICA | JACOBINA/BA

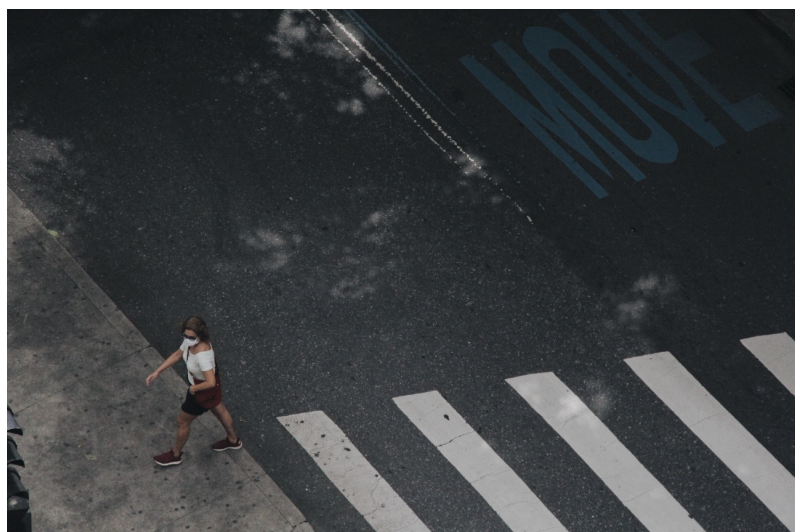
fotografia na pandemia

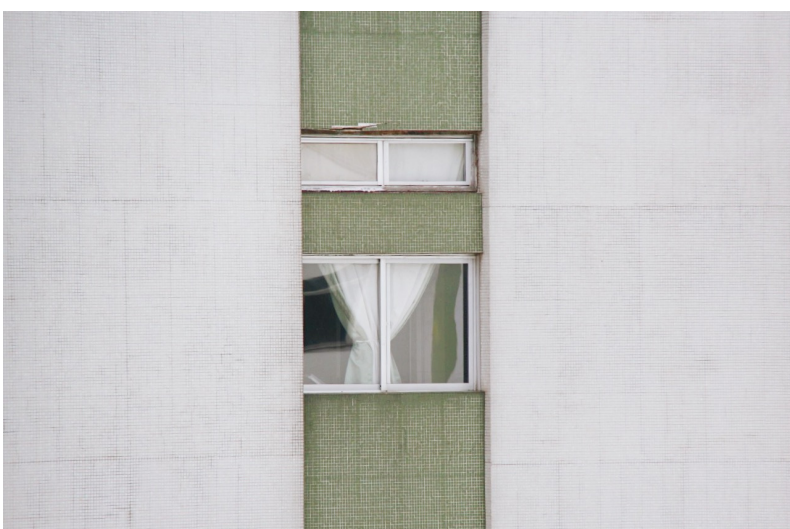
LETÍCIA SANTANA



Tal qual o significado do meu nome, carrego a alegria na profissão que escolhi: editora de livros, revisora/preparadora de textos e professora. Paralelamente, tenho o grande prazer em fotografar, costumo dizer que em cada janela vejo um novo lugar, que se ressignifica nas fotografias, e isso sempre foi algo que me moveu. De alguma forma, em tudo que faço tento colocar esse hobby, faz parte da minha rotina fotografar (detalhes, pessoas, comidas, na rua, em viagens, para trabalhos de livros, e também tenho uma câmera analógica, que tem uma nostalgia muito gostosa).

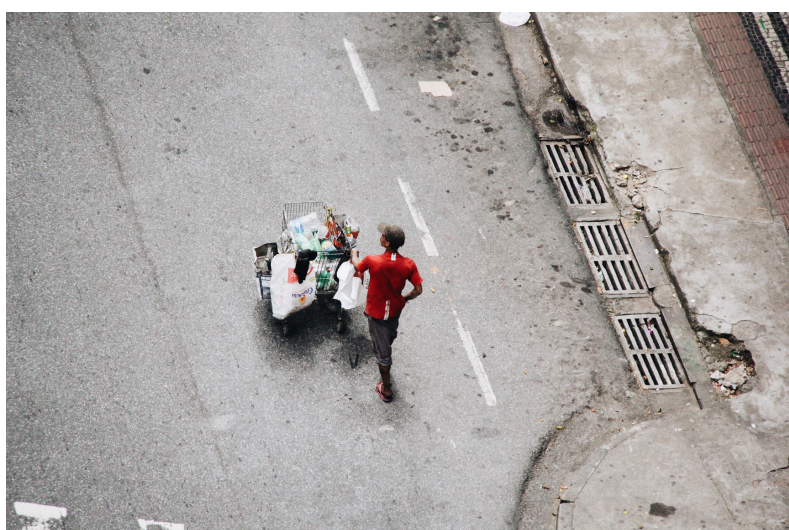
Lembro de uma primeira câmera ganhada ainda na infância e a expectativa para aguardar a revelação. Em seguida, vieram as digitais, que me deixavam como a fotógrafa da família. Em 2014, já cursando a graduação em Letras (Tecnologias de Edição), no CEFET-MG, tive uma disciplina chamada “Fotografia”, que abriu o meu olhar teórico, mas precisava de ainda mais prática na fotografia. Foi daí que fiz um curso e adquiri a minha primeira câmera profissional. Tive um professor incrível que me aguçou o contato com a fotografia analógica, então posso dizer que continuo na experiência digital e retrô.





Nesses últimos anos, alguns trabalhos foram surgindo de forma muito especial, já que costumo dizer que não sou fotógrafa, mas uma pessoa atenta e sensível aos frames da vida. Os trabalhos principais com a fotografia foram para livros: manifestações de junho de 2013, festejos sobre o congado, feiras de publicação independentes, viagens e, recentemente, com os registros da pandemia. Como morei no centro de BH até 2020, fotografei os outros de suas janelas e foi um jeito de me comunicar e de me aproximar com quem tá longe (e tão perto ao mesmo tempo).

Comecei a reparar o quanto as pessoas ficavam mais tempo ali, a incidência de luz, os gestos, os que observam, os que gritam, os que interagem e sorriem pra mim e pra câmera. é bem incrível porque parece que antes não via nada, e hoje vejo muita vida em cada janela. também foi legal reparar as folhas e vegetações que aparecem até em meio ao concreto. Fotografia, no meu olhar subjetivo, é uma forma de trazer inquietações e reverberar sentimentos.





PROJETO “REVISTA EDITAR”

Coordenação Prof. Rogério Barbosa da Silva

A revista eletrônica Editar é um projeto desenvolvido pelos alunos do 4º período do Curso de Letras - Tecnologias de Edição/CEFET-MG, na disciplina Processos de Edição II. Desde o primeiro semestre de 2020, o projeto se vinculou às produções da LED - Editora Laboratório do curso de Letras/CEFET-MG.

O objetivo é veicular trabalhos produzidos pelos alunos de graduação em Letras e áreas afins, assim como colaboradores, graduandos ou não, que proponham publicações dentro do escopo da revista, i.e., diálogos com a área dos estudos de linguagens e edição.

Semestralmente, a revista recebe ensaios na área de Letras e afins, poemas, contos, crônicas e artes visuais (fotografia, desenho e outras)

As contribuições deverão ser encaminhadas para o e-mail da Revista Editar (revista.letrascefet@gmail.com).

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

Diretor-Geral

Prof. Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Profa. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

Chefe de Gabinete

Profa. Carla Simone Chamon

Diretor de Educação Profissional e Tecnológica

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

Diretora de Graduação

Profa. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

Diretor de Planejamento e Gestão

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Governança e Desenvolvimento Institucional

Prof. Henrique Elias Borges

Diretor de Tecnologia da Informação

Prof. Gray Faria Moita

Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição

Coordenadora

Profa. Joelma Rezende Xavier

Coordenador Adjunto

Prof. José de Souza Muniz Jr.

LED

Coordenador

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Vice-coordenador

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Profa. Dra. Maria do Rosário Alves Pereira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFMS, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

NÚMERO 11



SETEMBRO 2021

REVISTA

EDITAR

